



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

JOYCCY MARIA DUARTE DA SILVA

**O PERFIL DOS DIRIGENTES DE CLUBES DE FUTEBOL AMADORES NA
ORGANIZAÇÃO DO ESPORTE NA CIDADE DE BOM JARDIM-PERNAMBUCO**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

JOYCCY MARIA DUARTE DA SILVA

**O PERFIL DOS DIRIGENTES DE CLUBES DE FUTEBOL AMADORES NA
ORGANIZAÇÃO DO ESPORTE NA CIDADE DE BOM JARDIM-PERNAMBUCO**

TCC apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof^o. Dr. Francisco Xavier dos Santos

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
2021

Catálogo na Fonte
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecário Jaciane Freire Santana, CRB-4/2018

S586p Silva, Joyccy Maria Duarte da.
O perfil dos dirigentes de clubes de futebol amadores na organização do esporte na cidade de Bom Jardim-Pernambuco /Joyccy Maria Duarte da Silva. - Vitória de Santo Antão, 2021.
39 p.; il.

Orientador: Francisco Xavier dos Santos.
TCC (Bacharelado em Educação Física) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Bacharelado em Educação Física, 2021.
Inclui referências e apêndice.

1. Futebol. 2. Clubes de futebol. 3. Esportes amadores. I. Santos, Francisco Xavier dos (Orientador). II. Título.

796.334 CDD (23. ed.)

BIBCAV/UFPE - 253/2021

JOYCCY MARIA DUARTE DA SILVA

O PERFIL DOS DIRIGENTES DE CLUBES DE FUTEBOL AMADORES NA ORGANIZAÇÃO DO ESPORTE NA CIDADE DE BOM JARDIM-PERNAMBUCO

TCC apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof^o. Dr. Francisco Xavier dos Santos

Aprovado em: 10/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Francisco Xavier dos Santos
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Marcellus Brito de Almeida
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Ms. Marcos Barros Filho
Universidade Estadual de Campinas

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus pois sem ele não conseguiria chegar até o fim dessa jornada.

Agradeço imensamente aos meus maiores incentivadores que foram meus familiares, em modo especial a minha mãe Luciene Duarte, minha avó elizabete e minha bisavo Maria (In memorian);

Aos professores que passaram pela minha vida, do inicio lá na pré-escola até a minha graduação e em modo especial ao homem que nos ultimos anos me fez crescer como profissional e como pessoa, meu orientador Francisco Xavier, obrigada por toda paciência e orientações.

Aos meus amigos de turma e aos amigos que conheci em Vitória de santo Antão, que tornaram a vida acadêmica mais leve, aos amigos que a Hidrovida me presenteou e aos seus funcionários meus agradecimentos.

Quero agradecer também aos dirigentes da cidade de Bom Jardim que foram fundamentais para minha pesquisa. Por toda disponibilidade e getileza que foi dada a mim durante toda a coleta de dados.

Meu muito obrigada a cada um de vocês.

RESUMO

O esporte é fenômeno social e organizacional complexo que não revela limites nem espaço reservado para sua manifestação e ações. E, assim, o papel de organizá-lo, em qualquer âmbito, envolve a presença de indivíduos que colocam em prática visões e perspectivas “gerenciais” direcionadas para o desenvolvimento do universo esportivo, as quais tendem a variar de contexto a contexto, de esporte a esporte e de matriz a matriz. Este texto, portanto, abrange tais discussões e resulta de um trabalho de conclusão de curso na Educação Física, voltando sua compreensão para o papel organizacional dos dirigentes do futebol amador de Bom Jardim. Desse modo, o objetivo foi investigar os dirigentes de times de futebol amador daquela cidade pernambucana, tendo em vista o perfil pessoal e funcional que revelam e a importância disso na organização do esporte local. Ao direcionar a nossa discussão para o âmbito do esporte amador, fizemos algumas escolhas teóricas e metodológicas, que são peculiares a todo investigador. Em meio a tantas coisas, a pesquisa teve como propósito dar mais visibilidade a um tema e universo por vezes relegado entre nós, que aponta para o esporte e o dirigente amador. Para dar conta da tarefa proposta, valemo-nos, do ponto de vista metodológico, da pesquisa qualitativa e, nesse particular, recorreremos a entrevistas semiestruturadas em profundidade, envolvendo 10 dirigentes – sendo 9 homens e 1 mulher. Os dados foram analisados com o aporte de Bardin (2009), e nesse caminho decidimos, concordando com a autora, tratar as informações coletadas procedendo a uma descrição analítica, considerando aquilo que entendemos como possíveis significados. Assim é que estabelecemos descrições aproximadas dos conteúdos expressos nas falas dos dirigentes entrevistados. Em termos de resultados e conclusões, aqui ressaltamos, com relação aos dirigentes amadores de Bom Jardim, que o cenário organizacional onde eles atuam é marcado por algumas nuances que lhes confere certa singularidade. Exemplos disso são o caso do dirigente de futebol amador de Bom Jardim e as representações sociais e organizacionais que construímos sobre ele (suas ações, práticas e comportamentos), na perspectiva das influências, impactos, conhecimentos e benefícios que podem advir da sua prática com o esporte amador, ampliando as possibilidades para a leitura da vida. Rompe, dessa forma, as amarras que certos modelos organizacionais nos impõem como sendo únicos, a exemplo da matriz do esporte de espetáculo. Por fim, nosso caso, em particular, embora tenhamos dado uma contribuição no sentido de minimizar uma lacuna investigativa – mediante os poucos materiais de pesquisas na área, já citados –, vale dizer que há muito ainda por fazer. Nesse sentido, sugerimos que o tema seja retomado por outros pesquisadores, buscando, por exemplo, explorar outros esportes amadores ou ampliar o universo de cidades investigadas, produzindo um retrato ampliado do fenômeno que reflita a maneira como o esporte amador, do ponto de vista organizacional, pode ser descrito nesse município.

Palavras-chave: gestão; esporte; amadorismo.

ABSTRACT

Sport is a complex social and organizational phenomenon that does not reveal limits or space reserved for its manifestation and actions. And, thus, the role of organizing it, in any context, involves the presence of individuals who put into practice "managerial" visions and perspectives aimed at the development of the sports universe, which tend to vary from context to context, from sport to sport and from matrix to matrix. This text, therefore, covers such discussions and is the result of a course conclusion work in Physical Education, turning its understanding to the organizational role of amateur soccer directors in Bom Jardim. Thus, the objective was to investigate the directors of amateur soccer teams in that city in Pernambuco, in view of the personal and functional profile they reveal and the importance of this in the organization of local sport. By directing our discussion to the scope of amateur sport, we made some theoretical and methodological choices, which are peculiar to every researcher. Among so many things, the research aimed to give more visibility to a theme and universe sometimes relegated among us, which points to the sport and the amateur manager. To deal with the proposed task, from a methodological point of view, we used qualitative research and, in this regard, we resorted to in-depth semi-structured interviews, involving 10 managers – 9 men and 1 woman. The data were analyzed with the contribution of Bardin (2009), and in this way we decided, in agreement with the author, to treat the collected information proceeding to an analytical description, considering what we understand as possible meanings. This is how we establish approximate descriptions of the content expressed in the interviewed leaders' statements. In terms of results and conclusions, we emphasize here, with respect to amateur directors in Bom Jardim, that the organizational scenario where they work is marked by some nuances that give them a certain uniqueness. Examples of this are the case of the amateur soccer manager from Bom Jardim and the social and organizational representations we build about him (his actions, practices and behaviors), from the perspective of influences, impacts, knowledge and benefits that may arise from his practice with the amateur sport, expanding the possibilities for reading life. In this way, it breaks the bonds that certain organizational models impose on us as being unique, such as the matrix of the sport of spectacle. Finally, our case, in particular, although we have made a contribution towards minimizing an investigative gap – through the few research materials in the area, already mentioned –, it is worth saying that there is still a lot to be done. In this sense, we suggest that the theme be taken up by other researchers, seeking, for example, to explore other amateur sports or expand the universe of cities investigated, producing an expanded portrait of the phenomenon that reflects the way in which amateur sport, from an organizational point of view, can be described in this municipality.

Keywords: management; sport amateurism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA.....	13
3 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	17
2.1 FUTEBOL	17
3.2 O FUTEBOL AMADOR.....	19
3.3 O DIRIGENTE DE FUTEBOL.....	21
3.3 O DIRIGENTE AMADOR	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
4.1 O ESPORTE AMADOR EM BOM JARDIM E OS DIRIGENTES DE FUTEBOL: UM CENÁRIO ORGANIZACIONAL	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA	39

1 INTRODUÇÃO

A gestão do esporte é um fato social de natureza ampla e complexa e, como tal, não mostra limites nem espaço reservado para sua manifestação e ações, que “[...] promovem e organizam os mais diversificados contextos do desporto” (BÁRBARA; CARVALHO; BATISTA, 2011, p.2). Assim, independentemente do âmbito em que a gestão está sendo aplicada, ela envolve a presença de determinados indivíduos. Estes colocam em prática visões “gerenciais” direcionadas para o desenvolvimento esportivo, certamente de maneira interventiva, variando de contexto a contexto, de esporte a esporte e de matriz a matriz¹.

Conforme acreditamos, é natural que haja diferenças – e de fato há – na maneira como são organizados, por exemplo, os times de futebol profissionais e amadores. Neles, segundo deduzimos, existe distinção no perfil e no papel exercido pelos dirigentes que atuam num e noutro cenário. Ainda que, a princípio, o esporte seja o mesmo, a matriz e os atores que nele atuam são de ordens diversas, e as estruturas não se mostram tão parecidas. Basta mencionarmos que “[...] o futebol amador é atravessado por relações familiares, [...] A relação entre a família e o time pode ser bem exemplificada através das sedes destes: a casa do diretor é quase sempre a sede do time” (PIMENTA, 2013, p.94).

Com base na afirmação de Pimenta (2013), fica evidente que o ambiente amador aponta um caminho diretivo, que, no mais das vezes, dispensa as altas exigências dos padrões do futebol profissional, habitualmente marcado pela economia de mercado e pela lógica resolvida do capital. Entretanto, isso não implica dizer que não haja no espaço amador ações e condutas de natureza gerencial. O que talvez se possa questionar é a dimensão e concepção dos métodos usados aqui e ali. Ao estudarmos o espaço do amadorismo, vimos que ele revela certas singularidades, expedientes, padrões e ações pouco observadas e/ou consideradas, por muitos de nós, como uma forma de gestão que desponta nessa esfera do esporte.

A despeito das diferenças e da pouca visibilidade dada aos dirigentes amadores, acreditamos que há algo comum entre eles² e os dirigentes profissionais na condução do esporte. Ambos, a seu modo, são responsáveis por práticas sociais e organizacionais que

¹ Damo (2005), ao se reportar ao futebol, fala da existência de diferentes matrizes que o definem em contextos sociais diversos.

² No cotidiano dos dirigentes amadores e/ou profissionais, é um tanto habitual que tais pessoas desenvolvam ações visando ao desenvolvimento do esporte, e, ainda que suas práticas se apliquem a lócus distintos, é comum que ambos intencionem o avanço do esporte amador e profissional, e nisso eles e suas ações, num dado ponto, se assemelham e, se não for exagerar, em muitos momentos amadorismo e profissionalismo se misturam.

visam ao desenvolvimento do esporte, seja em que matriz for. E nisso há uma forma de gerenciar o universo em questão.

Mesmo que a sociedade contemporânea capitalista dê, cada vez mais, maior valor à espetacularização, ainda assim é importante falar de outras sociabilidades das pessoas. Elas existem, mesmo que em menor proporção, no espaço amador de organização do esporte.

No caso particular do futebol, embora os times profissionais e seus dirigentes estejam sempre em evidência na sociedade, é bom lembrar que há vida, pessoas e práticas esportivas organizadas para além do mundo profissional. Assim é que no mundo vida³ também encontramos pessoas que desenvolvem ações capazes de fazer o esporte amador funcionar e não desaparecer da vida cotidiana. Nesse sentido, entendemos que há, no contexto amador, a presença de comportamentos movidos por uma tradição oriunda da “periferia” – um ethos próprio das organizações e associações comunitárias –, que tende a marcar o gerenciamento do esporte.

Por essas e outras questões, surgiu o nosso interesse pelo tema, envolvendo os dirigentes de times de futebol amador, desviando, assim, as lentes dos holofotes habituais da investigação acadêmica. Destarte, tomamos outra rota na intenção de diminuir uma lacuna investigativa, direcionando o estudo para o dirigente amador do município pernambucano de Bom Jardim, saindo, como diz Silva (2009, p. 14), “[...] de um monopólio temático nos estudos, os quais se pautam prioritariamente na manifestação profissional, indo na contramão da prática do futebol que se realiza cotidianamente numa diversidade de configurações sociais, constituindo-se em vários futebóis”.

O tema investigado resultou de algumas inquietações nossas como estudante. Entre elas, citamos o fato de que, mesmo com o crescimento de pesquisas observadas no âmbito do futebol, indentificamos quão raros são os estudos que buscam, sob a ótica da gestão esportiva, abordar os dirigentes de times de futebol amador, sobretudo em cidades interioranas do Brasil. Por isso, arriscamos dizer que, em nossa realidade acadêmica, os dirigentes amadores são quase esquecidos, “marginalizados”, especialmente se eles desenvolvem suas práticas afastado dos grandes centros urbanos, o que lhes rende invisibilidade.

À vista disso, consideramos que este estudo procura contribuir com o alargamento daquilo que se tem pesquisado na área da educação física, em associação com o campo da

³ Se pudermos parafrasear o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, consideramos o mundo da vida como o *locus* da sociabilidade primária, em que as relações humanas são baseadas, na sua essência, nas vivências cotidianas e nos valores comuns, mundo esse que parece não ter sido ainda cooptado pela lógica econômica do capitalismo.

gestão esportiva. Abre, assim, novas perspectivas investigativas relacionadas a temas pouco estudados pelos acadêmicos, especialmente os da nossa área.

Os estudos sobre o futebol e, de forma mais específica, sobre os dirigentes, no Brasil, não são encontrados em grande escala – talvez porque, como Santos (2015, p.18), recorrendo a Guedes (2003), “[...] no Brasil, há uma carência de estudos sobre dirigentes – e mesmo quando isso ocorre, o interesse investigativo ainda é em maior quantidade pelo futebol competitivo profissional”. Talvez isso seja assim pela maior projeção que essa matriz do esporte e seus dirigentes têm na mídia, e ainda pela economia que circula nesse espaço, o que coloca o esporte profissional numa situação distinta.

No entanto, consideramos que um aspecto tão importante quanto o citado é aquele que pode investigar – do ponto de vista da gestão esportiva – a figura do dirigente amador, que é pouco compreendido não só em relação ao seu perfil, mas também nas suas práticas. Essas coisas demonstram haver uma dinâmica própria que movimenta o futebol amador. Tal perspectiva, apesar de ter referências da matriz profissional, não conta com a mesma estrutura para seu desenvolvimento, mas nem por isso deixa de existir, mobilizando pessoas – atletas, torcidas e dirigentes – e algum recurso em torno de si.

Desse modo, a realização deste trabalho justificou-se pelo fato de os times de futebol amador, como outras organizações culturais e esportivas, também retratarem uma forma organizacional e de promoção do esporte, que é orientado por uma lógica do dirigente que comanda esse ambiente.

Acrescente-se também o fato de que, mesmo sendo o futebol amador um espaço de pouca visibilidade investigativa, ele pode gerar algumas compreensões organizacionais. Uma delas, por exemplo, de como são pensados os mecanismos de gestão e de organização do esporte por dirigentes que não contam com consideráveis recursos financeiros e formação especializada⁴, casos mais comuns noutros setores do esporte brasileiro.

Assim sendo, esta proposta se justificou em termos de sua busca, qual seja, a de inserir-se no debate teórico acerca do perfil dos dirigentes de times de futebol amador de Bom Jardim em Pernambuco. Tinha em vista a organização do esporte em tal dimensão que, mesmo constituindo uma pesquisa local, pode de algum modo servir para pensar outras realidades do futebol amador de Pernambuco e talvez do restante do Brasil⁵.

⁴ No cenário investigado os dirigentes amadores, em sua maioria, não revelam possuírem uma formação escolar elevada.

⁵ Nós sabemos que a pesquisa e seus achados revelam uma tendência e análise de um processo social e organizacional esportivo específico, mas nada impede que se possa, guardando as medidas devidas, tecer relações.

Por fim, também se mirou, com a pesquisa, contribuir para a consolidação de estudos acadêmicos sobre o mundo futebolístico no âmbito da gestão esportiva, dada sua importância, bem como alargar nossa formação.

Como parte da discussão aqui já posta, cabe ressaltar que o futebol, em sua configuração esportiva, apresenta diversas possibilidades de orientação. Elas traduzem aquilo que os dirigentes consideram ser caminhos para organizar o espaço esportivo. A depender da matriz futebolística em que esteja atuando, a perspectiva de dirigente e prática organizacional varia, e “um exemplo disso está na passagem do amadorismo para o profissionalismo” (SANTOS, 2015, p.31).

Pensar, portanto, a prática esportiva e a maneira como ela se manifesta, se estrutura e se organiza aqui, requer de nós refletirmos sobre o perfil e o papel que desempenham aqueles indivíduos que respondem pelo comando do esporte e pela dinâmica que assinala o contexto de sua prática. Esta tende a mobilizar os valores e a lógica de cada cenário como um fator essencial que influencia as ações do dirigente.

Assim sendo, O presente trabalho elegeu como objetivo investigar os dirigentes de times de futebol amador da cidade de Bom Jardim – Pernambuco, tendo em vista o perfil pessoal e funcional que revelam e a importância disso na organização do esporte local.

Após alcançar tal meta, mapeamos, primeiramente, os times de futebol amador da cidade de Bom Jardim - Pernambuco; em seguida, investigamos quem são os dirigentes desses times e o que fazem; depois, traçamos o perfil pessoal e funcional desses dirigentes; e, por fim, mostramos como esse perfil impacta a organização do futebol amador do município.

Com esses propósitos delineados, passamos a refletir que, no Brasil, quando se fala, por exemplo, de futebol e de dirigentes quase de imediato pensamos no tipo de agremiações que, segundo Damo (2005, p. 14 3 15), “[...] engendra recursos e meios sofisticados para sua execução. E este, talvez mais que outros, restringe a participação e o comando a um grupo ‘seleto’ de indivíduos e instituições” que definem a matriz sofisticada do futebol profissional.

Mas, a despeito desse contexto mais comum, há outra esfera que revela interdependência do futebol profissional e seus dirigentes. Essa relação nos permite, então, conjecturar que existam semelhanças entre o amadorismo e o profissionalismo, conforme diz Silva (2009, p.15), “para além das regras do jogo”, e uma das tais pode estar no querer organizar o esporte.

Mesmo sabendo que o futebol amador, ou de várzea, como diz Silva (2009, p.17), “[...] caracteriza-se pela sua prática não profissional, realizada em campos localizados nas ‘várzeas’

e/ou espaços disponíveis das cidades, com uma organização predominantemente local”, ele também guarda um vínculo com a dimensão profissional, e parte disso pode aparecer em certas práticas do dirigente.

Assim, ao partir da ideia de que o dirigente de futebol amador se encontra inserido num espaço organizacional que esboça uma ideia de gerenciamento, foi investigada a seguinte questão: Qual o perfil pessoal e funcional dos dirigentes de times de futebol amador de Bom Jardim, em Pernambuco, e o que resulta dessa representação na organização/gestão do esporte amador?

2 METODOLOGIA

Tendo em vista o interesse deste estudo em relação ao perfil pessoal e funcional dos dirigentes do futebol amador de Bom Jardim, em Pernambuco, e o que dele resulta na organização do esporte desse município, a pesquisa foi desenvolvida no âmbito dos clubes de futebol amador localizados na referida cidade.

Com relação a Bom Jardim, trata-se de um município do estado de Pernambuco localizado na Mesorregião do Agreste Pernambucano e na Microrregião do Médio Capibaribe. O município é formado pelo distrito sede e pelos distritos de Umari, Bizarra, Encruzilhada e Tamboatá e ainda, pelos povoados de Freitas, Pindobinha e Lagoa Comprida.

A área total de Bom Jardim é de 222,883 km², sendo que o mesmo fica a pouco mais de 100 quilômetros de Recife e pode ser acessado através da Rodovia federal BR- 408 e das rodovias estaduais PE-90 e PE-97. Quanto ao aspecto populacional, segundo os dados de 2014 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE -, o município comporta uma população de 38,871 habitantes, abrangendo as áreas Rural e Urbana⁶.

Quando temos como assunto as questões culturais que marcam o município há como noutros contexto pernambucano dados, fatos e coisas que integram o cenário de cada lugar e um deles é o esporte e o próprio futebol.

Assim é que, com relação ao futebol amador na cidade de Bom Jardim, vale aqui destacar uma informação que julgamos importante para situar o leitor de nosso trabalho, qual seja, a cidade conta atualmente 17 times de futebol amadores.

Em nossa tarefa acadêmica, achamos importante identificar os times por seus nomes, pois, trata-se de uma forma de projetar essas organizações sociais invisíveis e assim temos: o ESPORTIVO FEIJÃO do sítio feijão, o CRUZEIRO DO VARJÃO do sítio varjão, o BARAUNA do sítio barauna, o JUVENTUDE FEIJÃO do sítio feijão, o FLUMINENSE DE LAGOA DANTAS do sítio lagoa dantas, o SANTOS DOS ALTOS do sítio altos, o COLORADO DO CAMPESTRE do sítio campestre, o SPORT TAMBOATA do distrito de tamboata, o PLAY BOY do sítio aroeiras, o DRAGÕES DE LAGOA DE CASA do sítio lagoa de casa, o LANCE DE UMARI do distrito umari, o RIO AVE do sítio boca de dois rios, o SPORT PASSASSUNGA do sítio passassunga, o SANTA CRUZ do sítio lagoa comprida, o COHABINHA da vila da cohab, o PALMEIRAS DE BIZARRA do distrito de bizarra, e o

⁶ Esses foram os dados mais recentes encontrados, mas, sabendo que teremos uma mudança neste quadro, pois, há uma ação de recenseamento do IBGE prevista para o ano de 2022.

NACIONAL DE BARRONCOS do sítio barronco. Apesar de haver um número expressivo no município, os times da cidade não possui uma liga.

Nessa circunstância de investigação, a escolha dos dirigentes de futebol amador como universo de pesquisa sinaliza para o estudo de casos múltiplos. Yin (2009) afirma que os estudos de caso têm sido cada vez mais utilizados nas pesquisas em ciências sociais aplicadas. Diz também que a opção por eles se justifica quando se estuda de fenômenos que apresentam características peculiares, alguma idiossincrasia, com destaque que justifique o esforço de pesquisa. E aqui foi estudado um grupo de pessoas que, com as devidas proporções, compartilham o mesmo ambiente e a mesma experiência de serem dirigentes de futebol amador, sem deixar, porém, de evidenciar marcas individuais em suas ações.

Desse pensar, optamos pelo método qualitativo – recorremos a entrevistas pela própria condição que dá ao pesquisador de maior penetração no mundo dos pesquisados e, assim, realizamos entrevistas semi-estruturadas em profundidade com 10 dirigentes⁷, sendo, 9 homens e 1 mulher. O acesso aos tais informantes – dirigentes – foi feito mediante a indicação e apresentação do pesquisador por parte de um diretor de um dos clubes com quem tivemos um contato inicial quando estávamos escrevendo o projeto – entre 2019 e 2020 –, os quais se prontificaram em colaborar conosco.

Ao lançar mão das entrevistas, buscamos garantir muito mais do que simples opiniões dos dirigentes e obtermos informações que pudessem assegurar resposta aos objetivos da pesquisa.

Com relação à coleta dos dados, em virtude da pandemia da Covid-19, pensamos em duas situações: uma que se caracterizaria por entrevistas semiestruturadas, gravadas presencialmente em um *smartphone*. A possibilidade desta dependia de uma abertura mínima de convívio social e que não prejudicasse os prazos estabelecidos no cronograma; e uma segunda forma, em que a entrevista seria realizada através da rede social mais comum, e, conforme nós verificamos, todos naquela ocasião tinham acesso e possuíam WhatsApp.

Assim, devido às dificuldades encontradas em estar presencialmente com os dirigentes – por estarmos vivendo uma pandemia, sem falar no crescimento da Covid-19, na ocasião, em nosso Estado e no Brasil –, a segunda opção acabou sendo o caminho tomado. E, com essa

⁷ Nós chegamos a identificar e contactar 17 dirigentes, mas, muitos não retornaram os contatos feitos mesmo em alguns casos nós insistindo com tais pessoas. Mas, o tempo de pandemias vivido, o isolamento social, mortes, mudanças de cidade, foram nossos maiores adversários. Mas, a nossa necessidade nos fizeram ir adiante, porque tínhamos prazo e precisávamos fechar a pesquisa de modo que paramos ao atingir o número de 10 dirigentes, pelos motivos já citados. Vale mencionar que nenhum dos desistentes foram indelicados no primeiro contato, apenas, não deram retornos.

situação definida e os contatos com os dirigentes sendo feitos, tratamos de enviar antecipadamente aos indivíduos já contactados as informações que esclareciam o motivo e a finalidade da pesquisa, para que eles pudessem se inteirar do teor do estudo, seus riscos e benefícios e daí decidirem participar ou não da pesquisa.

Havendo resolvido o assunto com os dirigentes, gradativamente fomos realizando as entrevistas, que ocorreram por ligação de WhatsApp, devidamente gravadas, posteriormente transcritas e finalmente analisadas. Elas são apresentadas na parte do texto por nós intitulada de “A Organização do Esporte em Bom Jardim e os Dirigentes de Futebol Amador nesse Cenário”.

O caminho escolhido para desenvolvermos a questão teórico-metodológica é embasado nos argumentos de Stubbs e Delamont (1976), que revelam qual tipo de problema define o método que elegemos. Para o que propomos investigar, nos apoiamos, como já fora dito, no método qualitativo, na proposta de estudo de caso de Yin (2009) e na análise de conteúdo de Bardin (2009).

No sentido de esclarecer um pouco mais o caminho que tomamos, parece-nos importante dizer, recorrendo a Yin (2009, p. 26), que “muitos cientistas sociais ainda acreditam profundamente que os estudos de caso são apropriados apenas para a fase exploratória de uma investigação”. Mas, como diz o autor, e nós concordamos com ele, essa visão pode e deve ser rejeitada.

Pensando especificamente no estudo de caso e em alguns de seus fundamentos, situamos nossa discussão num acontecimento contemporâneo e procedemos tanto a uma observação direta do evento quanto a entrevistas de pessoas nele envolvidas. Portanto, o estudo que realizamos com dirigentes amadores tecem reflexões sobre tais indivíduos e retém “[...] as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais” (Yin, 2009, p.24).

Quanto à opção pela análise de conteúdo, a ideia foi de termos uma compreensão dos discursos extremamente diversificados dos dirigentes, buscando interpretar aquilo que fora dito a partir de suas falas, levando em conta, sobretudo, aquilo que Bardin (2009) nos aconselha a fazer. Segundo ela, devemos proceder a uma pré-análise do material, explorá-lo e, por fim, tratar os resultados obtidos e interpretá-los sem, contudo, esquecer – e assim o fizemos – que estamos diante de “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações

que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2009, p.51).

De forma oportuna, aqui destacamos que de acordo com a resolução nº 466/12, essa pesquisa foi submetida à apreciação do comitê de ética em pesquisa (CEP), e foi aprovado sob o protocolo CAAE 38914320.1.0000.5208.

Por fim, importa aqui registrar que, com relação à pesquisa e às informações construídas, foram tomadas as devidas precauções e cuidados durante todo o percurso investigativo, seja com relação às circunstâncias envolvendo a pandemia, seguindo todas as formas de prevenção, tanto para os pesquisadores quanto para os pesquisados, seja no que remete aos aspectos éticos, especialmente ao que tratou de preservar o anonimato das pessoas entrevistadas.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

2.1 FUTEBOL

A discursão sobre o futebol é central em nosso trabalho, mas importa dizer que esse assunto é vasto e pode ser abordado utilizando-se diversas linhas de pensamento. Aqui, não pretendemos apresentar um longo histórico do futebol, embora mencionemos algo, porém sem falar de regras e métodos de treino, tampouco da prática do jogo. A ideia é fugir das habituais narrativas e apresentar ao leitor uma perspectiva do futebol como instituição social e organizacional de matriz “improvisada” e bricolada⁸, e para tal recrutamos alguns estudiosos que veem o futebol por esse viés e que nos ajudaram a nos aproximarmos da meta deste trabalho – a compreensão organizacional do esporte – que tem por objeto o dirigente do futebol amador.

O futebol possui inúmeras vertentes que lhes conferem sentidos e significados distintos e, por ser praticado em todo o mundo, pode ser relacionado a diversos temas, como, por exemplo, à política, à violência, à religião, à cultura e a arranjos associativos, como nos mostra Franco Júnior (2007).

Por sua tradição e apelo popular, a modalidade, no Brasil, é considerada por muitos mais do que apenas um esporte. É que, devido à sua grande disseminação pelo país, o futebol, conforme Murad (1996), se tornou um elemento central na cultura brasileira, chegando à população por meio de diversas práticas e das formas de representação social e organizacional.

A despeito das perspectivas iniciais apresentadas, é importante também ressaltar a existência de referências históricas que marcam esse esporte, e sobre tais informações é comum encontrarmos muitos e variados registros.

Sobre o futebol, um registro dos mais antigos provindos de um Manual de Exercícios da Dinastia Han, na antiga China, aponta indícios da existência da prática de um jogo encontrado nos séculos III e II a. C., que se baseava em lançar uma bola com os pés em uma pequena rede e era chamado de Ts’uh Kúh (cuju).

Do mesmo modo, também se tem conhecimento que, no Japão, aproximadamente seis séculos após o século II a. C., havia outro esporte similar ao futebol ou que tece com ele

⁸ Segundo Damo (2005, p.37), “[...] são compreendidas as figurações nas quais se admitem as mais diversas variações a partir das unidades futebolísticas”.

relações, cujo nome era Kemari, sendo este, porém, de caráter mais cerimonial e praticado com as mãos.

Sabe-se até então, que jogos semelhantes ao futebol foram encontrados na Roma Antiga e Grécia Antiga, os quais eram realizados entre equipes, em um campo dividido por linhas e retangular. E é curioso notar que a cultura Maia também retratava um jogo chamado pok ta pok, que possui características assemelhadas ao futebol.

Igualmente, é do conhecimento de muitos que no final da Idade Média foram desenvolvidos, nas ilhas britânicas, jogos típicos que deram origem ao Rugby, ou Futebol Americano e Australiano, e sucessivamente foram sendo introduzidas alterações que passaram a caracterizar o futebol na forma como observamos hoje em dia.

O futebol moderno, portanto, tal qual conhecemos hoje, tem “origem” vinculada à Inglaterra, conforme apontam alguns estudiosos. É à sociedade inglesa, por volta do meado do século XIX, “[...] que devemos atribuir o princípio, ao menos de difusão, de certas características que distinguem o esporte considerado moderno de outras formas conhecidas e praticadas alhures. E, no caso dessas características, citamos regras sistematizadas” (SANTOS, 2015, p.38).

De modo especial, acontecimentos históricos e tudo que marca suas representações e instituições, assim ousamos crer, parecem ligar passado e presente.

A narrativa do futebol e dos esportes modernos é assinalada por Elias & Dunning (1992) como uma história processual que se dissemina a partir da sociedade inglesa. E, com o passar do tempo, foi desenvolvendo um modo institucionalizado da prática, dando origem aos times, clubes, grupos de esporte, associações, torneios e campeonatos. Essas coisas colocam em evidência também um desenvolvimento processual do jogo, das suas estruturas organizacionais e dos indivíduos que participam desse universo esportivo, atribuindo-lhes papéis sociais específicos, a exemplo, da direção e da gestão, de uma forma geral.

Conforme destacamos, o interesse do homem pelo esporte vem desde a antiguidade, e, no caso específico do futebol, parte desse entusiasmo parece ter relação com a paixão que ele desperta e a simplicidade da prática efetiva do jogo, que parece fazê-lo tornar-se tão popular. É que, a depender do contexto de sua prática, basta apenas que se tenha à disposição uma bola, traves “improvisadas”, alguns jogadores e qualquer espaço - ruas, clubes, campinhos, quintais ou escolas. Esse esporte, vai difundindo sua prática em vários lugares, independentemente de gênero ou idade, não se limitando a espaço algum.

E convém salientar que a várzea e o futebol amador têm seu lugar nesta nossa narrativa, cujo objetivo é investigar os dirigentes de times de futebol amador.

3.2 O FUTEBOL AMADOR

Mesmo sabendo que existem muitas possibilidades de pensar e definir as matrizes futebolísticas, tomamos de empréstimo uma perspectiva estudada e analisada por Silva (2009). Tal concepção nos é cara, pois enquadra a matriz que também pesquisamos e que se trata do,

Futebol amador – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações de parceria, onde pode haver relações informais de trabalho e coexistem em graus próximos os sentidos do profissionalismo e do amadorismo. Sua forma de organização segue as normas previamente estabelecidas de forma adaptada. Ex. Barcelona F. C. (Barcelona do Jordão), Grêmio Recreativo Real (Real da Mustardinha) (SILVA, 2009, p.45).

Silva (2009) fala do amadorismo, mas também menciona, mesmo que de modo subjetivo, coisas como parceria, interação, formas de organização e modelos sociais. E esse conjunto de coisas nos leva a crer que a importância do futebol amador é evidente e possui sentidos diversos, já que alcança inúmeras pessoas onde há clubes e times, a exemplo de praticantes do esporte, torcedores e dirigentes, que fazem parte dessa cadeia maior.

Santos (2015, p.15) recorre a Damo (2005) para dizer que “[...] há uma gama de futebolis que se manifestam por diferentes códigos, maneiras de praticá-los e lógicas que o definem e atravessam. O jogo de futebol, em si, se apresenta para nós, em termos práticos, de tantas maneiras, encenando: forma improvisada, lógica bricolada”. E esse cenário traduz, em parte, a essência do que é o futebol amador no Brasil, sobretudo nos lugares pouco vistos ou visíveis, a exemplo de muitas cidades interioranas.

Ao contrário do que alguns podem considerar, o futebol não se resume aos grandes times, ele é uma paixão nacional diversa⁹, que de algum modo desperta alegria nas pessoas

⁹ Garcia (2014) *in* Cunha (2014, p.15) diz que “o ser humano é tratado como se fosse indistinto, independentemente das condições de sua existência. Porém, o ser humano não existe em abstrato, mas em contextos determinados, temporal e espacialmente”. “Pensar e viver no mundo atual passam pelo reconhecimento da diversidade de sujeitos e de culturas, com base no respeito e tolerância recíproca, concebendo

com ele envolvidas. Talvez, por suas referências, os times profissionais famosos parecem criar espaços para que os amadores despertem vontades, desejos e desenvolvam a prática do esporte como um passatempo local, através de uma rede que liga diferentes grupos de familiares, amigos e comunidades.

O futebol amador tem um papel singular na descoberta de talentos, e muitos destes acabam por se tornar jogadores profissionais. Ele também se apresenta como espaço de interação social dos jovens, e essa condição tem certo impacto na diminuição de crimes e vícios. Além disso, é uma via para a promoção da saúde dos seus praticantes. De forma generalizada, os praticantes do futebol amador são indivíduos que buscam uma alternativa para manter a forma física, a saúde, o lazer e a interação com amigos, livrar-se do estresse, além de serem pessoas que gostam de atividades físicas (GOERG, 2010).

Segundo Goerg (2010), os praticantes do futebol amador em larga escala são pessoas que apreciam o esporte e não medem esforço para praticar exercícios físicos. Muitos ocupam parte do tempo com essas atividades, encontrando prazer em realizá-las.

Todavia, mesmo com esse envolvimento de algumas pessoas, os times de várzea, bairros e comunidades ainda passam por várias dificuldades e dilemas organizacionais, pois as despesas da maioria deles são custeadas pelos jogadores, pela comunidade onde o time está inserido e por indivíduos que são denominados dirigentes, vez que respondem por despesas básicas que vão dos uniformes e taxas administrativas às passagens para os jogadores comparecerem aos jogos e outras despesas. O patrocínio, por exemplo, não é algo fácil de ser obtido, e por isso alguns times dependem da ajuda de políticos e de pequenos comerciantes locais.

Apesar dessas dificuldades, o esporte amador persiste, com seus times apresentando o melhor do seu esforço e talento, continuando a alimentar essa paixão pelo futebol, que envolve uma gama cada vez maior de pessoas. Entretanto, mesmo com os obstáculos encontrados, os times de várzea estão à frente de muitas ações sociais e esportivas nas comunidades, como, por exemplo, festas de padroeiros, das crianças e tantas outras por eles promovidas.

Por isso, é bom lembrar a importância que têm os times de várzea, tanto para a formação dos jovens que deles participam quanto para a comunidade, que pode ser vista pelo

as diversidades culturais, não como sinónimo de superioridade, inferioridade ou desigualdade, mas como equivalente a um plural e a um diverso”.

setor público, a quem cabe promover melhorias nos bairros e nas cidades, inclusive no âmbito dos esportes.

O futebol amador ou de várzea é caracterizado pela paixão daqueles envolvidos no time, como é o caso de muitos jogadores que se ligam ao time por amor e não fazem do futebol profissão – embora haja no esporte amador quem seja pago, gratificado e premiado por isso. Contudo, mesmo este nutre um amor que vem da infância, do seu envolvimento com o esporte comunitário e, por isso, não abre mão de uma “pelada”¹⁰ no fim de semana. Não são raros os casos em que esses indivíduos, juntamente com os dirigentes amadores, ajudam o time na conservação do campo, das arquibancadas, dos uniformes e de outras coisas mais, sem nenhum interesse além do vínculo afetivo que têm com a equipe ou o clube.

Com relação, também, ao contexto – que envolve o ambiente social e cultural e o lugar dessa prática – do futebol amador, Goerg (2010) fala quão comum é a existência de um bar próximo da maioria dos campos de futebol de várzea, o que simboliza a importância de um espaço de sociabilidade no entorno do campo. Nesse lugar, é habitual os times comemorarem vitórias e/ou reclamarem das derrotas. Além disso, trata-se de um espaço de debate do cotidiano das pessoas que participam, de algum modo, do esporte desenvolvido na várzea.

Santos (2015, p. 15), ao ler Toledo (2000), afirma que “o futebol nos põe diante de uma realidade que marca a identidade de uma nação, de um povo e de diferentes personagens; em nosso caso específico, os dirigentes”.

3.3 O DIRIGENTE DE FUTEBOL

O futebol – em sua engrenagem que, entre outras coisas, envolve a prática esportiva e o contexto institucional e organizacional – é composto por diversos atores, que vão dando contorno e forma ao todo do ambiente esportivo. Um desses personagens é o dirigente, objeto do nosso estudo.

Assim sendo, tratamos de apresentar uma ideia que retrate algo dessa figura central e, para tal, recorreremos, inicialmente, a Santos (2015), que diz o seguinte: “Por dirigentes compreendemos todos os indivíduos que, dentro da organização tradicional ou organogramas que caracterizam os clubes de futebol no Brasil, ocupam cargos diretivos, como, por exemplo,

¹⁰ A pelada é um dos termos, usados para retratar o jogo de futebol amador. Mas a outras definições, como por exemplo: baba, raxa e ração.

presidente e vice-presidente, diretor de futebol, diretor administrativo, diretor jurídico, etc.” (SANTOS, 2015, p. 16).

A afirmação de Santos (2015) projeta uma forma de compreender quem são esses indivíduos, aponta uma ideia de sujeitos envolvidos com o futebol como organização fundada numa tradição e mostra como esse esporte é visto por muitos. Mas, tal pensamento também remete a uma concepção de dirigente que emerge da base política do clube, com grande relação com o futebol profissional, revelando que a ideia de dirigente é complexa e abrange naturalmente outros atores, representações e raciocínios.

Dessa forma, Gódio (2010, p.22) afirma que “os dirigentes são sujeitos que detêm diversas trajetórias sociais e compõem um mosaico relativamente amplo de carreiras e trajetórias profissionais e societárias”.

Na essência, os dirigentes de futebol são pessoas humanas como outras tantas, com ocupações e formações diversas, pois a estrutura do futebol profissional – no caso do Brasil – se vale de sujeitos que têm uma profissão secular e, ao mesmo tempo, exercem uma função diretivo-administrativa no clube com o qual têm ligações esportivas, afetivas e emocionais.

O dirigente é - independentemente da perspectiva que se possa considerar – uma espécie de gestor do futebol, que busca, seja pela experiência, seja pela adoção de métodos especializados, tradicionais ou não, impor uma dinâmica organizacional à instituição e ao time, pensando no sucesso e/ou êxito pessoal e organizacional.

Assim, “o fato é que, do ponto de vista de sua posição concreta de poder dentro do futebol, a categoria dirigente é fundamentalmente definida pela condição de diretores das estratégias de organização do trabalho e do espetáculo nos clubes de futebol” (GÓDIO, 2010, p. 23, 24).

Ora, na matriz profissional do futebol, parece natural que ela se caracterize cada vez mais por uma ideia de dirigente gestor, para quem é importante que a capacitação profissional especializada cresça, porque essa condição tende a ter implicações diretas nos resultados dos jogos e da instituição.

Para Pires e Lopes (2001), a questão a ser colocada é: qual a formação básica necessária para atuar no desporto, especificamente na área da gestão? Para esses pesquisadores, é indispensável uma formação inicial em gestão do desporto, pois a capacitação tradicional já não disponibiliza as exigências sociais. Concordamos com tais autores quando o lócus é, prioritariamente, o do esporte profissional.

Zouain e Pimenta (2003) sugerem como perfil profissional genérico do gestor esportivo que ele possua habilidades com enfoque em administração (técnicas gerenciais, conhecimento fiscal, programação de eventos), comunicação e relacionamento humano (gestão de pessoas, marketing e vendas, além de habilidades de comunicação), mesmo sabendo que não é fácil estabelecer um perfil genérico ao gestor esportivo brasileiro, tendo em vista as várias características que ele possui.

Mas, essa não é a única perspectiva de dirigente, pois, segundo Damo (2005), há outras matrizes em que o futebol é praticado no Brasil, e uma que também mobiliza muitas pessoas em seu entorno, inclusive um perfil distinto de dirigente, é o futebol amador. Segundo nos parece, há também nesse ambiente uma lógica de pensar e de desenvolver ações que podem caracterizar uma perspectiva organizacional do esporte.

3.3 O DIRIGENTE AMADOR

Quando se pensa numa imagem que simbolize o dirigente de futebol amador, é natural que se especule também a realidade social em que este vive e desenvolve suas práticas direcionadas para o esporte. E um dos possíveis cenários que nos vem à mente é descrito por Silva (2009) assim:

[...] de um lado, o nostálgico futebol que guarda a essência lúdica e apaixonante deste esporte, e que realiza unicamente pelo amor a esta prática; de outro, o futebol menor, técnica e esteticamente inferior, que por não conseguir ser profissional se contenta com a função de revelar jogadores para os times profissionais. Tanto uma como outra fazem parte deste fenômeno que é o futebol amador, não como algo estático, mas, na dinamicidade da sua construção cotidiana, entrecruzando-se nas várias figurações que os indivíduos constroem (SILVA, 2009, p. 97).

Observando atentamente a figuração de indivíduos descrita por Silva (2009), é possível nela incluir e projetar uma ideia do dirigente amador, que não deixa de ser também uma forma de o definir. Portanto, em nossa compreensão, o dirigente amador é aquele indivíduo marcado, se assim for correto, por uma mistura heterogênea de papéis e significados

sociais característicos, que traduzem uma forma de pensar e agir num contexto que remete a um âmbito esportivo popular conhecido como “varzeano”, parafraseando Santos Neto (2002).

O dirigente amador é, concomitantemente, um sujeito que valoriza o lúdico, o prazer, o amor à prática do futebol, a paixão pelo esporte comunitário e o desejo de envolver a comunidade mediante a interação das pessoas. Mas, é também aquele indivíduo que doa tempo, esforço, ideias, projetos e até mesmo algum pouco recurso que ele consegue angariar ou retirar de si mesmo. A nosso ver, há nisso tudo uma maneira singular de organizar o esporte nesse espaço dos times amadores.

Recorrendo a Gódio (2010), estamos diante de homens de plateia, mesmo que, para muitos, seja a plateia do “pequeno futebol”, dos menos afortunados, mas não menos entusiasmados com aquilo que representam: uma parte esquecida da sociedade, cuja maior referência, ainda, parece ser, como diz Mario Filho (1947, p.49), do futebol – e de outros esportes – que se pratica “[...] no meio das ruas, nos terrenos baldios. [...] As ruas se transformavam em campos de futebol”.

O fato é que ser um dirigente amador é viver dilemas entre o amor e os problemas, que são comuns, pois fazer esporte nesse universo é deparar constantemente com questões nem sempre fáceis de resolver, vez que, como diz Pimenta (2013),

Os gastos para a organização de um campeonato são elevados não apenas para os organizadores, mas também para os times que participam. As principais despesas são com transporte e com os “jogadores de fora”, tornando difícil para os times se manterem ou mesmo participarem de mais de um campeonato ao mesmo tempo. Os dirigentes, na maioria das vezes, arcam com os custos, e algumas vezes recebem ajuda financeira, principalmente de membros da família, e fazem um “malabarismo” para participar, pois é a participação em torneios e campeonatos que dão vida aos times. Quando não existe essa participação, o time fica “parado”, e se essa “parada” perdurar por um período extenso o time “acaba” (PIMENTA, 2013, p. 98).

Essa descrição, que não é a única, aplica-se ao dirigente amador de diversos contextos, seja ele o ator esportivo das grandes cidades e capitais ou das pequenas cidades interioranas, ainda que se guardem algumas proporções nessa associação. Porém, vale lembrar que a nossa análise se ateve, de modo decisivo, aos dirigentes do segundo exemplo, observando à sua maneira de gerir e/ou organizar o esporte amador numa cidade como a de Bom Jardim.

A característica que o dirigente-gestor apresenta é influenciada pelo local onde ele reside, as redes que ele integra, o capital social e cultural que carrega. Em diversos casos, isso

reflete em algumas “alianças” que faz com certas figuras que acabam financiando o esporte amador e o sonho do dirigente de não ver o time e a prática esportiva acabarem. Como diz Pimenta (2013, p.94), “a dedicação dos dirigentes muitas vezes não é suficiente para manter um time amador funcionando”. E, nesse contexto, é comum que surjam apoios de diversos lugares, apoios esses que fazem com que ele acabe gerindo o time de uma forma mais articulada, fazendo com que a equipe consiga angariar fundos para suas despesas.

Seja em Bom Jardim ou noutros cenários em que o esporte amador se manifesta, também parece ser recorrente a prática, senão de todos, mas de muitos dirigentes, de se valerem de organizar bingos, sorteios e mesmo recorrer a um “padrinho”, que pode ser algum comerciante local. Quase sempre, como diz Pimenta (2013, p. 96, 97), é um político “[...] através de uma relação clientelista com um membro do legislativo municipal, [...] um vereador municipal”. E essas coisas, no conjunto, enquadram um caminho encontrado na estruturação para que o esporte continue presente em lugares como o município estudado, já que os recursos e as estratégias dos tais dirigentes não parecem ser tantos.

Azevêdo, Barros e Suaiden (2004) realizaram uma pesquisa para estudar os dirigentes máximos dos dez clubes que participaram do Campeonato Brasiliense da primeira divisão de futebol profissional, no ano de 2001. Com a investigação, eles traçaram um perfil socioeconômico e cultural desses dirigentes, e, em termos estatísticos, foram utilizadas medidas de associação para variáveis qualitativas levantadas em questionários aplicados a esses dirigentes. Segundo os dados obtidos sobre o perfil dos dirigentes dos clubes, eles eram homens, católicos, casados e recebiam mais de US\$ 2.060,53 por mês; possuíam o ensino fundamental, tinham, em média, 45 anos e meio; trabalhavam como funcionários públicos e empresários, que acumulavam com as atribuições de dirigentes dos clubes que presidiam; nenhum deles era profissional de gestão de suas entidades de futebol, embora afirmassem ter muito ou total poder de decisão sobre as questões.

Atentos ao que levanta Azevêdo, Barros e Suaiden (2004), conjecturamos como isso se apresenta se o alvo da pesquisa for o dirigente de times de futebol amador de um dado contexto social, por exemplo, de uma cidade interiorana.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O ESPORTE AMADOR EM BOM JARDIM E OS DIRIGENTES DE FUTEBOL: UM CENÁRIO ORGANIZACIONAL

Nesta parte do trabalho, de uma forma geral, recuperamos algumas ideias que vínhamos discutindo desde o início, as quais envolvem reflexões sobre o esporte amador e sua gestão e o perfil dos dirigentes de clubes de futebol amador. De modo específico, aqui também se configura o lugar em que trazemos os dados e as informações construídas no campo, e com eles buscamos respaldar o argumento de que no esporte amador – especificamente no futebol – há um modo de gestão que reflete na organização do esporte de certas localidades, sobretudo no que diz respeito à manutenção das equipes, o apoio aos times e a oferta de lazer comunitário.

Ademais, porque como diz Ribeiro (2017, p.7), a organização do esporte amador é

[...] uma das mais abrangentes atividades esportivas e de lazer, mas reveste-se de diversos outros significados para seus adeptos: cria laços sociais entre os moradores de uma região, estabelece vínculos de pertencimento e de valorização do território que ocupam, serve de instrumento educacional de formação para cidadania e de forma de expressão da cultura popular.

Em meio a tais análises interpretativas de conteúdos manifestos e latentes, recrutamos Bardin (2009), cuja opinião respalda o componente empírico de nossa pesquisa, porquanto as informações e dados aqui revelados fazem parte da teia de interdependência que caracteriza um cenário específico, a saber, do que é caracterizado e o que caracteriza os dirigentes de clubes de futebol amador da cidade de Bom Jardim. Mesmo sendo um retrato pontual, ousamos afirmar que essa imagem *sui generis* aqui apresentada permite, em certos traços, estabelecer nexos com a realidade de outros contextos da figuração esportiva amadora de Pernambuco.

Assim é que, pouco a pouco, com a pesquisa de campo – dos dados e informações construídas por meio de entrevistas –, fomos projetando um retrato dos dirigentes de clubes de futebol amadores de Bom Jardim – Pernambuco. Parte dessa imagem esboça um perfil dos

homens de plateia, e a maneira como suas ações impactam na organização do esporte na cidade.

O Perfil (pessoal e funcional) dos Dirigentes

No início de 2020, quando estávamos finalizando o projeto de pesquisa envolvendo os dirigentes, conseguimos contactar um indivíduo e mapear 17 times/clubes de futebol amadores na cidade de Bom Jardim. Porém, no momento em que adentramos o campo para realizar as entrevistas com os 17 dirigentes – quando fomos apresentados pelo primeiro dirigente aos demais –, constatamos que durante a pandemia alguns clubes tiveram seus quadros de dirigentes alterados, em virtude da mudança de cidade de alguns e pela ocorrência de óbitos causados pela COVID-19¹².

Em função de acontecimentos que foram detalhados na metodologia, a pesquisa contou com a participação de 10 dirigentes, sendo 1 mulher e 9 homens, fato que ilustramos no gráfico abaixo.

A princípio, as informações que esse gráfico traz podem ser vistas por muitos como de pouca valia, mas, para um leitor e pesquisador atento, os dados têm coisas sutis a considerar, e nós tratamos de destacar.

Um primeiro elemento digno de observação, já que estamos tratando do perfil do dirigente de futebol amador, é que, nele, só se tem a figura de uma mulher. Para alguns estudiosos, essa ínfima fração não deveria ser alvo de análise, porquanto caracteriza a menor das partes, mas, para aqueles que olham o diferente como algo a ser notado e explicado, pois dele se pode extrair coisas pouco observadas, mas importantes de entender, sobretudo para explicar desequilíbrios na organização do esporte amador local, implica pouco espaço dado ao lazer para mulheres.

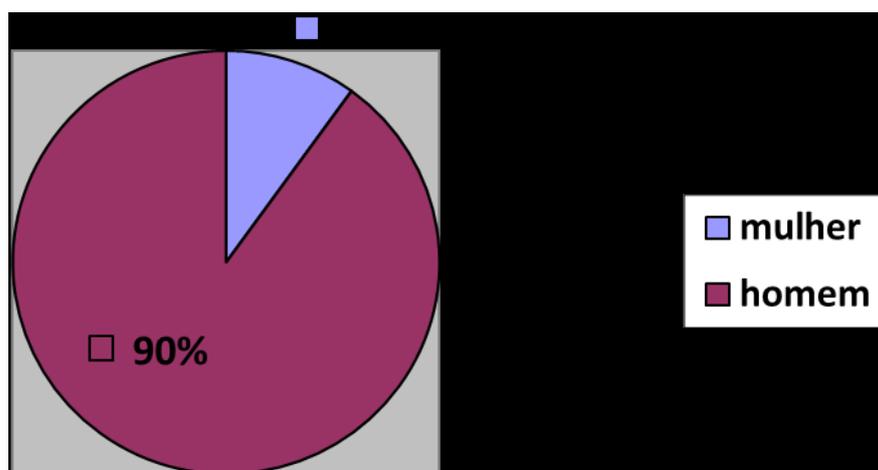
Outro fator digno de menção é que, seja pelo motivo que for, a presença de uma mulher como dirigente amadora pode encorajar ou induzir outras mulheres a participarem da organização do esporte em Bom Jardim, especialmente em funções onde antes sequer era imaginada ou aceita a presença delas.

Um terceiro ponto que podemos aqui desenvolver sobre o gráfico é que o esporte amador pode e deve considerar que homens e mulheres deem sua contribuição para o desenvolvimento do setor. E mais, que a mulher pode ter um papel singular nessa configuração que ainda se ressentem da presença feminina, porém cabe a elas decidirem ocupar.

Ousamos dizer que a participação feminina em determinados contextos esportivos e sociais está associada a diferentes questões verificadas ao longo da história, as quais determinaram o papel social das mulheres. Entre essas questões, mencionamos o preconceito, o assédio e o desrespeito como contributos da presença ínfima da mulher no futebol amador. Mas, também, não ignoramos o fato de que a participação de uma pode ser um indicativo de rompimento de um cenário tradicionalmente masculino. O fato é que, aqui e ali, já observamos mulheres no futebol amador, tanto dentro de campo quanto fora dele. A disseminação do esporte para mulheres, principalmente no amador, vem crescendo, vendo-se com mais frequência a presença nas disputas de várzea de times de futebol femininos. E vale ressaltar que elas têm dado muita contribuição nesse contexto, com nova visão e ideias sobre o esporte.

Sem dúvida, as dificuldades – de ser dirigente feminina num lócus tradicionalmente habitado por homens – ainda são grandes, mas, no mundo globalizado, mesmo que a participação feminina não ocorra na velocidade desejada, o perfil dos dirigentes e dos esportistas amadores vem se alterando. Com isso, se amplia o olhar dirigido à mulher, talvez porque “a habilidade esportiva dificilmente se compatibiliza com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos” (LENKKYJ citado por ADELMAN, 2003, p. 448).

Gráfico 1: Porcetagem de mulheres e homem presentes na pesquisa.



Nota: Gráfico elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa.

Na análise que fazemos do perfil do dirigente, tendo como referência o espaço do futebol amador, talvez não seja demais dizer que, observando essas pessoas – homens e mulheres –, deparamos com indivíduos cuja maioria é constituída de atores sociais que carregam consigo o desejo de promover uma prática social e organizacional realizada por paixão e como uma forma de lazer, e não de renda. Todos os dirigentes têm sua renda principal vinculada a outra profissão, desde empregos formais (professora, funcionário público) a empregos informais (vendedor de picolé, agricultor). Eles usam o esporte amador como forma de lazer, igualando-se ao torcedor, que sai da sua casa para prestigiar o time nos jogos não só locais, mas pelas comunidades e cidades vizinhas.

Na tarefa de conceber e retratar o perfil do dirigente de futebol amador de Bom Jardim, apresentamos mais abaixo, na **Tabela 1**, alguns dados obtidos acerca das ocupações profissionais dos entrevistados, pois, conforme entendemos, tais informações também ajudam a descrever quem são os indivíduos sobre os quais estamos falando.

Tabela 1- ocupação profissional dos dirigentes.

Profissão	Total	Porcentagem
Militar	1	10%
Professor	1	10%
Agricultor	2	20%
Funcionário público	2	20%
Autônomo	3	30%
Representante comercial	1	10%

Fonte: A Autora, (2021)

Nota: Gráfico elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa.

Considerando, então, a profissão desses atores, percebemos, com base nas informações contidas na **Tabela 1**, que estamos diante de um universo social diverso, com gente atuando

em contextos variados. Isso pode nos fazer pensar algumas questões referentes ao perfil dos dirigentes locais que nós investigamos.

De pronto, podemos afirmar que o espaço do futebol amador é mesmo democrático e popular, pois o campo – conforme Bourdieu (1989, p.66), uma “estrutura de relações objetivas” – é ocupado por diversos atores. Em outras palavras, pessoas com todo tipo de formação, de ocupação e de experiência compõem parte do perfil desses dirigentes.

Esse retrato de tantos perfis estampado na **Tabela 1** – militar, professor, agricultor, funcionário público, autônomo e representante comercial – nos leva a concordar com Santos (2015), quando diz que,

[...] com relação às profissões dos dirigentes, [...] há [...] uma heterogeneidade nesse aspecto, porque “[...] os dirigentes são sujeitos que detêm diversas trajetórias sociais e compõem um mosaico relativamente amplo de carreiras e trajetórias profissionais e societárias” (GÓDIO, 2010, p. 22). E acreditamos que esse retrato repercute no modo como o clube é e vem sendo pensado, administrado de tempos em tempos – ao longo de sua história –, sobretudo na sua forma organizacional (SANTOS, 2015, p. 219).

Tabela 2- Nível de escolaridade dos dirigentes.

Nível de escolaridade	Total
Ensino fundamental incompleto	3
Ensino médio completo	5
Ensino superior	2

Fonte: A Autora, (2021).

Nota: Gráfico elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa.

Na **tabela 2**, também percebemos que o nível escolar dos dirigentes, em sua maioria, não ultrapassa o ensino fundamental, o que, numa análise apressada, poderia definir esse espaço como sendo ocupado apenas por pessoas mais “simples”, com formação educacional menos elevada. Mas, a tabela também indica que, entre os dez dirigentes, dois possuem nível

superior, o que nos leva a conjecturar que o cenário do esporte amador, não obstante ser, em maior parte, composto por indivíduos cujas profissões não demandem formação especializada e escolarização avançada, também há nessa figuração social e organizacional pessoas que portam tais credenciais. Isso é parte do retrato e cabe ser considerado.

As ideias associadas e construídas em torno do perfil pessoal e funcional dos dirigentes foram apontando para uma dinâmica que envolve tanto o indivíduo quanto as condições que o tornam dirigente. Basta dizer que, no curso da entrevista, perguntamos como eles ingressam nesse universo e assumem o papel de dirigentes amadores, uma vez que sobre isso muitas coisas são ditas. Nas narrativas, há diversas histórias¹¹ acerca de pessoas que se assumem ou assumem a condição de dirigentes de futebol amador. Uma coisa parece comum nesse cenário, conforme constatamos: para muitos, o time sempre fez parte da sua vida, seja na qualidade de jogador, seja como uma paixão herdada de algum familiar falecido que era dirigente do time. Basta citar o caso de **um dos entrevistados**, que diz: “Desde 8 anos, eu estou no futebol e não sei fazer outra coisa. Estar no campo, para mim, é estar no céu. Há 45 anos. Meu pai morreu no ano que eu nasci, meses antes, e me deixou de herança o time”.

Também ficou evidente, para nós, que o surgimento dos times, em sua maioria, se deve aos jovens de Bom Jardim que gostavam de jogar futebol e tinham interesse em participar de campeonatos da região, o que serviu de incentivo para fundarem os times/clubes.

Mas, na prática, quem são esses dirigentes? Em muitos dos casos investigados, são pessoas que, mediante a falta de estrutura financeira dos times, contam com a ajuda dos próprios jogadores para financiar as despesas, que vão desde bolas, padrões e pagamentos de campeonatos até chuteiras para os jogadores que não têm condições de comprá-las. Mesmo porque “o custo e a falta de patrocínio são os maiores empecilhos do esporte” (MULHERES, 2003, p.42).

Percebemos ainda que, por falta de dinheiro dos times, os dirigentes acabam realizando outras funções, como as de roupeiro e zelador do campo, só para citarmos algumas.

“Realizo várias funções; sou o faz tudo do time, moça, desde treinador, roupeiro, dirigente, aparar grama, segurança para não ter briga no campo” (**Entrevistado 2**).

¹¹ Em sua maioria, os dirigentes relataram ser ex-jogadores que começaram a ajudar o antigo dirigente e depois tomaram a frente do time após o falecimento do antigo gestor ou a impossibilidade de cuidar do time sozinho. “Sempre gostei de futebol; desde pequeno, sempre joguei, me machuquei muitas vezes e parei de jogar e comecei a ficar à frente do time” (**Entrevistado 5**).

Em alguns grupos, padrões de ação social são às vezes contínuos, desenvolvendo-se comportamentos e maneiras de ser dos atores nos lugares e espaços – sociais, culturais, organizacionais, e esportivos – que integram e fazem parte.

Pensando nessas condições até então descritas, consideramos o perfil do dirigente de futebol amador da cidade de Bom Jardim como de um sujeito diverso. Dentro dessa figuração, é possível que os sujeitos – os perfis dos dirigentes – ora se pareçam e ora se diferenciem.

Em meio a essa diversidade, o ambiente do esporte amador se desenvolve, apontando UMA imagem, e não para A imagem do dirigente, que, como vimos na **Tabela 1**, pode ser um funcionário, um professor ou mesmo um ex-jogador amador – conforme identificamos – que não possui formação destinada à gestão esportiva. É, portanto, conhecido como um trabalhador local, que muitas vezes disponibiliza sua casa para sede do time, possuindo uma educação básica e uma visão amadora de jogo, o que lhe traz por consequência uma visão amadora de como gerir o time. É um indivíduo que vive quase sempre pensando apenas nas vitórias dos jogos e nas pontuações positivas das competições.

Organizando o Esporte em Bom Jardim: O Possível dos Dirigentes de Futebol Amador

Na parte anterior, nos atemos ao esboço de um perfil do dirigente do futebol amador de Bom Jardim. Agora, de posse desse perfil, avançamos com a discussão e passamos a considerar a maneira como tais pessoas atuam no esporte amador, ou seja, na sua organização, ressaltando aspectos que em nossa compreensão tende a caracterizar uma forma de gerir o esporte nessa esfera.

Quando questionados sobre a importância do futebol amador para Bom Jardim, percebemos que todos o veem como uma alternativa para que a juventude pratique algum esporte e minimize sua exposição ao mundo das drogas. Oferta-se, assim, uma forma de lazer para a população nos fins de semana, tendo em vista que os jogos ocorridos em campo também servem de fonte de renda para a população que explora algum comércio no entorno do local onde as partidas são realizadas.

“O futebol amador ele é muito importante para a gente. Você quer ver a importância de um futebol amador? vá para o campo, vá domingo pro campo no campo, e como não tem importância no nosso município. O futebol em si é muito importante, ele incentiva o pai de família levar seu filho pro campo, incentiva o menino ficar brincando

na rua, barrinha querendo ser atleta, abastece a economia, pois dificilmente próximo ao campo não tem um comercio” (**Entrevistado 3**).

Ao serem questionados sobre que conhecimento deve ter uma pessoa para ser dirigente de futebol amador, todos foram unânimes em afirmar que tem que se gostar de futebol, que é necessário ser dirigente porque gosta, pois se trata de um desafio. Um dos comandantes disse que o dirigente deve saber se dar bem com o pessoal, entender de futebol e saber lidar com seres humanos.

A par disso, percebemos que a relação de dirigente amador e jogadores é bem mais familiar do que no âmbito profissional, pois ele está bem mais próximo dos atletas e muitas vezes conhece seus pais, convidando o filho para jogar. Essa aproximação faz com que os jogadores mantenham uma relação de família com o time. Constatamos que alguns dos gestores foram jogadores do time e, por possuírem uma afinidade grande com o antigo gestor, acabam se tornando o sucessor.

Sabemos que o esporte amador é um espaço que precisa da ajuda da comunidade e, no caso de Bom Jardim, percebemos que os times amadores da cidade têm uma grande proximidade com a população do local onde estão inseridos. Os jogos fora da cidade motivam a torcida para um momento de lazer e, assim, conseguem mobilizar uma grande quantidade de torcedores. As vitórias também estimulam as crianças para iniciação do futebol, fazendo com que, desde pequenos, elas estejam inseridas no mundo da bola. Além da formação profissional, o tempo de atuação do dirigente na cidade é de suma importância para a gestão do time. Em termos de organização, percebemos ainda que é levado em conta o tempo de atuação do time no município.

Essa relação na forma de organizar o esporte amador em contextos como estes acabam por impactar a ocupação das pessoas com o lazer e com atividades recreativas e esportivas que retratam um modo de organizar o esporte em dimensões e esferas que são importantes para certas comunidades e indivíduos, basta observar a fala de um entrevistado a seguir:

“Influenciar os jovens a incentivar a prática esportiva e distanciar das drogas. Sabendo que é atrativo para jovens e adultos, e aqui envolvemos o esporte em várias ações da comunidade, o natal solidário e no carnaval” (**Entrevistado 4**).

Talvez para quem habitualmente apenas observa e considera o esporte da matriz competitiva e a sua organização, o esporte amador passa despercebido como uma possibilidade concreta de organização não apenas social, mas também esportiva. E, vale aqui ressaltar que o modo de organizar esses espaços revela uma importância significativa para quem por ele é alcançado, ainda mais quando, o poder público deixa de valorizar e promover o esporte em lugares pequenos e distantes das grandes cidades.

Sobre a importância da gestão do cenário esportivo amador é preciso pensar naquilo que diz o entrevistado 3.

“Apesar de ter acabado praticamente o esporte na cidade de Bom jardim, ele tem uma importância muito grande para população até para movimentação do distrito onde está o time e até do comércio local”
(Entrevistado 3).

Analisando as entrevistas, observamos também que a organização é feita em conformidade com a realização dos campeonatos. Sendo assim, os dirigentes trabalham o time de acordo com as competições programadas, planejando uma meta de vitórias e de jogadores que serão convidados para participar do time.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos um estudo sobre o dirigente de futebol amador da cidade de Bom Jardim – PE, outra não foi a nossa intenção senão a de lançar luz sobre um tema pouco debatido no âmbito da educação física e investigar tais homens e mulheres de plateia, considerando seus perfis e como estes refletem na organização do esporte local. Pois bem. Vimos um retrato que revela formas misturadas de ator social e verificamos que esse dirigente é uma parte importante de uma engrenagem organizacional, social e esportiva não apenas como gestor de um time amador, mas também é fundamental na disseminação do esporte, tanto na cidade de Bom Jardim quanto na comunidade em que reside.

Quando tentamos “enquadrar” o esporte amador e a figura de quem o comanda, deparamos com certas idiossincrasias, como, por exemplo, as atitudes de um sujeito que gere, a seu modo, de forma “tradicional”, uma agremiação em que se encontram pessoas letradas e iletradas. Estes últimos preponderam, pois, no geral, percebemos que a formação profissional do gestor não é um fator presente em todos os times e clubes amadores. Na maioria, o cargo é ocupado por um ex-jogador, que aprendeu na prática acerca de como gerir o time. Conforme o que foi relatado por eles durante as entrevistas, vimos que essas pessoas exercem mais de uma função no time, e muitos possuem outra ocupação profissional.

O resultado dessa representação na gestão do esporte amador levou-nos a perceber que o papel exercido por esses indivíduos é de suma importância na organização não somente dos times – tanto dentro quanto fora de campo para a busca de resultados positivos –, mas ainda na ampliação de práticas esportivas na cidades. Além disso, influenciam na formulação de políticas esportivas, uma vez que suas ações apontam para as necessidades de lazer e práticas recreativas da população.

Na construção da teia esportiva que envolve os dirigentes de Bom Jardim, é perceptível que mesmo com o passar dos tempos os gestores continuam gerindo os times da forma que lhes foi ensinada pelos antigos gestores – treinadores, pais, tios, amigos, irmãos e outros.

Pensando de forma pontual no ambiente estudado, acreditamos que o campo do futebol amador como área de pesquisa ainda tem muito a ser explorado e discutido. Deve ser levado em conta que o tema é bastante carente de informações e, por isso, escasso na literatura. Desse modo, conjugamos esforço visando dar um contributo em relação a essa categoria e cremos, de alguma maneira, haver alcançado.

Com relação ao trabalho, nós elegemos um problema central e, no decorrer do texto, fomos gradualmente mostrando ao leitor a imagem de uma figura, de um personagem local, que pode, em alguns momentos e por variados aspectos, ser extensiva a outros cenários próximos da realidade investigada.

O caso do dirigente de futebol amador de Bom Jardim e as representações sociais e organizacionais que construímos sobre ele (suas ações, práticas e comportamentos) são pertinentes na perspectiva das influências, impactos, conhecimentos e benefícios que podem advir da sua prática com o esporte amador, ampliando as possibilidades para a leitura da vida. Rompem-se, assim, as amarras que certos modelos organizacionais nos impõem como sendo únicos, a exemplo da matriz do esporte de espetáculo.

Por fim, nosso caso, em particular, embora tenhamos dado uma contribuição no sentido de minimizar uma lacuna investigativa – mediante os poucos materiais de pesquisas na área, já citados –, vale também dizer que há muito ainda por fazer. Nesse sentido, sugerimos que o tema possa ser retomado por outros pesquisadores, buscando, por exemplo, explorar qualquer outra modalidade do esporte amador ou aumentando o universo de cidades investigadas, a fim de proporcionar um retrato ampliado do fenômeno.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, pp. 102-109, 1994.
- AZEVÊDO, Paulo Henrique; FRANÇA BARROS, Jônatas; SUAIDEM, Samir. Caracterização do perfil do gestor esportivo dos clubes da primeira divisão de futebol do Distrito Federal e suas relações com a legislação esportiva brasileira. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 15, n. 1, pp. 33-42, 2004.
- BÁRBARA, Andreia Joaquim; CARVALHO, Maria José; BATISTA, Paula Maria. Revisão Sistemática sobre o perfil de competências do gestor desportivo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 255, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 66.
- CUNHA, António Camilo. **Multiculturalismo e educação da diversidade**. Santo Tirso: White Books, 2014.
- DA CUNHA BASTOS, Flávia et al. Perfil do administrador esportivo de clubes sócio-culturais. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 1, 2006.
- DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- DOS SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do jogo primórdios do futebol no Brasil**. Rio de Janeiro: Cosac & Natify, 2002.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. (Memória e Sociedade).
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **The dance of the gods: soccer, society, culture**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOERG, Marcelo. **Futebol na várzea: uma investigação sobre os valores presentes no cotidiano da prática**. 2010. TCC (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- GODIO, Matías et al. **Somos hombres de platea: a sociedade dos dirigentes e as formas experimentais do poder e da política no futebol profissional em Argentina**. 2010. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2010.
- GUEDES, Simoni Lahud. Lógicas da emoção. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, pp. 179-183, 2003.

- LOPES, J. P. S. de R.; PIRES, G. M. V. da Silva. Conceito de gestão do desporto: novos desafios, diferentes soluções. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Lisboa, v. 1, n. 1, 88-103, 2001.
- MULHERES entram em campo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2 fev. 2003. Caderno Esportes, p.
- MURAD, Mauricio. Futebol e violência no Brasil. **Pesquisa de Campo**, [S. l.], v. 3, p. 89-103, 1996.
- PEREIRA, Jovino Alberto Oliveira; SALVADOR, Bahia. **Futebol, de esporte amador a negócio de entretenimento e lazer em uma sociedade midiaticizada**. 2003. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado). Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador, BA, Brasil.
- PIMENTA, Rosângela Duarte. O jogo no Sertão: Conhecendo o futebol amador na zona rural. **Espaço Plural**, Toledo, v. 14, n. 29, pp. 90-113, 2013.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. Futebol amador: História, memória e patrimonialização. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017. Brasília. **Anais [...]** Brasília: UNB, 2017.
- RODRIGUES FILHO, Mário **O negro no foo-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.
- SANTOS, Francisco Xavier dos. **Ethos dos dirigentes e a figuração do futebol de espetáculo: o caso do Sport Club do Recife**. 2015. 275 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- SILVA, Joanna Lessa Fontes. **Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- STUBBS, M.; DELAMONT, S. (org). **Explorations in clarsirtoom observation**. London: John Willey, 1976.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. Transformação urbana vista “de baixo”: clubes de futebol de várzea e estratégias de articulação para conquista de seus campos de jogo (1960-1979). **História Unicap**, Recife, v. 4, n. 8, pp. 203-220, 2018.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- ZOUAIN, D. M.; PIMENTA, R. C. Perfil dos profissionais de administração esportiva no Brasil. In: WORLD SPORT CONGRESS, 2003., Barcelona. **Anais [...]** Barcelona, 2003.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

QUESTIONÁRIO APLICADO COM DIRIGENTE DO FUTEBOL AMADOR DA CIDADE DE BOM JARDIM PE

Entrevistador: JOYCCY MARIA DUARTE DA SILVA	Data
Local: Bom Jardim PE	Hora de Início: Hora do Término:

Identificação do entrevistado:

Nome do (a) Entrevistado (a)	Time de Futebol
Função	Quanto tempo está nessa atividade neste clube?
Telefone para contato	Nível de Escolaridade () 1º grau () 2º grau () superior

1. Como e quando você ingressou na direção do futebol amador?
2. Como surgiu o time que você dirige?
3. Quais são as despesas que tem um time amador?
4. Como ele se mantém financeiramente?
5. Quais são as suas funções no time?
6. Os jogadores recebem alguma ajuda financeira e de onde ela vem?
7. Qual a importância do futebol amador para o esporte de Bom Jardim?
8. Em sua opinião que conhecimento deve ter uma pessoa para ser dirigente de futebol amador?
9. Qual é a sua ocupação profissional ?